

Coletivos de mulheres sob a ótica dos movimentos sociais e da comunicação

Por Paulo Justus

Resumo

O artigo faz uma análise de enquadramento das iniciativas registradas na plataforma online Mapa de Coletivos de Mulheres (MAMU), tendo como objetivos principais entender quais desses coletivos podem ser considerados “organizações de movimentos sociais” e como a dimensão comunicativa relaciona-se às suas identidades. A plataforma possui o cadastro de 257 organizações, movimentos, grupos, projetos e iniciativas de todo o Brasil, a partir de autodescrições. Para a análise dos dados, o artigo utiliza o método de análise qualitativa dos registros, por meio de software, e tece comparações a respeito dos temas, das atividades e do enquadramento máster trabalhado pelos coletivos. A opção pela análise do enquadramento se dá devido à variedade de movimentos analisados e também ao objetivo de perceber o grau de institucionalização das causas e movimentos de mulheres no Brasil atual, evidenciado nos grupos cadastrados no MAMU, bem como seus usos e práticas comunicativas.

Palavras-chave: movimentos sociais, feminismo, análise de enquadramento

Introdução

A internet criou uma oportunidade de conectar pessoas, organizações e iniciativas em torno de temas comuns. Isso permitiu que organizações e movimentos que antes atuavam em esferas distintas pudessem ser encontradas num mesmo ambiente virtual. Esse é o caso do Mapa de Coletivos de Mulheres (MAMU), iniciativa lançada em 2014, com o objetivo de cadastrar e mapear iniciativas que trabalham com causas e temas relacionados à mulher.

A amplitude de escopo do mapa permitiu que a plataforma condensasse uma miríade de iniciativas, desde coletivos feministas, com pautas que incluem a luta contra o preconceito racial e LGBT, direitos humanos; passando por movimentos que defendem o parto humanizado; até grupos de fundo místico, órgãos públicos para a defesa dos direitos das mulheres e organizações que trabalham o empreendedorismo feminino em parceria com empresas. Nas palavras da própria plataforma, o MAMU é um mapeamento de “coletivos, organizações, movimentos, grupos e projetos brasileiros que tem como foco as mulheres, o feminino, o feminismo, nossos ciclos, ritmos, reivindicações e lugares na sociedade” (MAMU, 2018).

O mapa surgiu a partir da ONG feminista Casa de Lua, que encerrou suas atividades em 2016, devido a dificuldades financeiras¹. A data de encerramento da entidade coincide com os últimos registros realizados no MAMU. Apesar da inatividade dos registros, seu

¹ Disponível em: <https://www.freetheessence.com.br/nova-economia/consumo-colaborativo/casa-de-lua-ong-feminista/>, acesso em 10/01/2019.

endereço na internet continue ativo (www.mamu.net.br). A variedade de iniciativas cadastradas no MAMU pode ter origem na diversidade de temas tratados pela Casa de Lua, que começou como um espaço de trabalho colaborativo, mas depois expandiu suas atividades. “Depois de um tempo, a proposta inicial acabou se dissolvendo e dando lugar a outras atividades e ideias, como rodas de conversa sobre violência obstétrica, empoderamento e autoestima, e até mesmo exercícios voltados para a espiritualidade”.²

O mapeamento começou pelas próprias organizadoras a partir do cadastro de iniciativas mais próximas, de São Paulo e Campinas. Em paralelo, abriu cadastro para que os próprios coletivos que se identificassem com a causa se cadastrassem. Ao longo de 2014 e 2016, período em que constam os registros na plataforma, foram cadastradas 257 iniciativas, com seus respectivos endereços ou locais de atuação.

Esse artigo analisa o enquadramento (framing) das iniciativas registradas na plataforma à luz dos estudos sobre os movimentos sociais. O objetivo é entender como as iniciativas se definem e quais delas podem ser consideradas como movimentos sociais. Além disso compara e categoriza os movimentos e traça paralelos entre as definições dessas organizações e coletivos que trabalham dentro do universo da mulher. Considerando que o texto da descrição dos movimentos é fornecido por seus próprios organizadores, o estudo contribui para entender as diferenças existentes no discurso de cada um dos grupos que se identificam com a causa da mulher.

Metodologia

O corpus deste estudo foi formado a partir das 257 iniciativas retratadas no MAMU. Elas foram coletadas por meio de um crawler, programa que extrai informações automaticamente de um site, navegando em sua estrutura. No caso, foi utilizado o plugin Web Scraper, do Google Chrome, que permite a extração de dados em massa, posteriormente copiados para uma tabela de Excel. As descrições foram então revisadas e acrescidas, quando disponível, das apresentações disponíveis nos sites e redes sociais das iniciativas, nas seções “Sobre”, “Quem somos”, ou equivalente.

A análise dos dados então foi feita utilizando o software, MaxQDA, que permite a codificação de termos em massa, e sua posterior extração para uma forma de visualização de

² Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/semanal/casa-de-lua/>, acesso em 10/01/2019

uma maneira visual, permitindo inclusive a construção de mapas com os termos codificados (LINDEKILDE, 2014: 213).

O uso do software para análise qualitativa também permite a sistematização do estudo nos possibilita a autocodificação a partir de palavras-chave encontradas no texto. Neste trabalho, esse recurso foi utilizado de maneira supervisionada, retificando os segmentos que foram codificados de maneira errada. Isso significa, por exemplo, que a codificação “Protesto” incluiu a presença da palavra “manifestação”, sempre que utilizada no sentido de protesto. Quando usada no sentido de aparição, como no caso de “manifestação do sagrado”, a palavra não foi codificada como “Protesto”.

A codificação do corpus baseou-se em uma estratégia não indutiva, sem se basear em critérios predefinidos, codificando os conceitos na medida em que apareciam no texto. A escolha por essa metodologia se deveu à diversidade dos movimentos, organizações e projetos analisados. Uma abordagem estruturada poderia deixar de fora iniciativas que não se inserissem em nenhuma das categorias estruturadas.

A análise de enquadramento, no estudo de movimentos sociais, busca entender como o discurso de determinadas organizações de movimentos sociais constroem seu discurso de maneira a mobilizar recursos (sejam financeiros ou de engajamento de voluntários às causas) e desencorajar oponentes. O enquadramento, nesse aspecto, procura desconstruir a ideologia que está por trás da construção do discurso dos movimentos sociais, quais símbolos são construídos, e quais significados estão sendo trabalhados pelos movimentos, de forma a categorizar um determinado fenômeno como importante e digno de mobilização. “Thus, framing becomes a strategic attempt to guide the activation of particular discourses and repertoires of understanding with the purpose of mobilizing consensus.” (LINDEKILDE, 2014: 201)

A opção pela análise de enquadramento, em vez da análise de discurso, mais detalhada e aprofundada, também segue a lógica da natureza do corpus. Trata-se de textos diversos, de diversos atores, em número significativo. A análise de enquadramento se justifica pois parte do pressuposto de que o discurso dos movimentos sociais se trata de uma ideologia sendo colocada em prática.

The starting point of frame analysis is that discursive practices of movement actors are designed to mobilize adherents and de-mobilize opponents to either challenge or reassure the social order. Thus, the aim is to show how ideology works in practice, and that social movements can be conceptualized as “ideologically structured action” (Zald 2000). (LINDEKILDE, Lasse. 2014:206)

A partir da análise, os códigos então foram classificados, quanto ao tema abordado pelas iniciativas, quanto ao repertório utilizado e quanto ao enquadramento máster (master frame) empregado. O objetivo principal foi encontrar dentre todos os registros do MAMU, aquele que mais apresentavam as características de organizações de movimentos sociais, além de comparar os temas e as formas como são articulados pelos atores.

Dos temas

A base teórica para a análise dessas organizações serão os conceitos de movimentos sociais presentes em JOHNSTON (2014). Ele elabora em cima das definições de Charles Tilly, de que os movimentos sociais se compõe de: grupos que organizam uma ação coletiva, dos eventos que compõe esse repertório, e de ideias que unem e guiam os protestos.

O autor atualiza cada uma dessas esferas, incluindo, no plano da estrutura, as redes de articulação entre diversos atores nos movimentos sociais. No plano do repertório, valoriza o caráter performático dos protestos, que significa estudar não apenas o conteúdo dos cartazes e dos gritos de ordem, mas também o caráter simbólico do ato de protestar. Finalmente, no plano das ideias, JOHNSTON trabalha o aspecto da identidade coletiva e também o enquadramento de ações coletivas (2014, p.4) no que chama de esfera ideacional-interpretativa. É nesse aspecto que a análise de enquadramento atua.

The ideational–interpretative dimension includes ideologies, interests, goals, collective identities, values, beliefs, attitudes, frames of interpretation, and norms of behavior, including shared action repertoires such as specific tactics, songs, slogans, and so on. Of all these, four stand out as central in defining a social movement and, therefore, as foci in studying them: ideologies, collective action frames, collective interests, and collective identities. These are the major elements of a social movement's ideational–interpretative dimension and traditionally have been considered key components of its culture. (JOHNSTON, 2014:15)

Quanto aos temas, muitos dos movimentos são interseccionais, ou seja, trabalham com mais de uma causa. Esse é um clássico exemplo de estratégia de extensão de enquadramento. Essa estratégia, observada no trabalho de análise de ação coletiva de Snow & Bedford (in LINDEKILDE, 2014) se baseia encontrar causas comuns que possam atrair e engajar pessoas envolvidas com outras causas (BEST, 2008: 71). No caso dos 257 movimentos analisados, as causas mais apresentadas pelos movimentos foram a luta contra a violência sofrida pela mulher e o preconceito racial.

Ambos os temas demonstraram-se altamente transversais. Embora esteja presente em 51 documentos, a violência aparece apenas em 12 como único tema. Em outras 11 vezes está associada à questão racial e mais 11 vezes relacionada à questão LGBT, sendo que em 7 casos

há a intersecção de violência, com LGBT e Racial. Um exemplo dessa intersecção tripla está na descrição do Coletivo Feminista Margaridas:

O Coletivo Feminista Margaridas é um instrumento de auto-organização das mulheres em Jaguarão para a articulação da luta contra a violência à mulher, o machismo como um todo e o capitalismo, sustentáculo de toda a opressão contra a classe trabalhadora, especialmente às mulheres. (...) A luta feminista é uma luta que envolve várias pautas como o racismo, o capitalismo, a reforma agrária e rural, a gordofobia, transfobia, homofobia, lésbofobia, etc. Por isso o Margaridas surgiu para buscar visibilizar os problemas enfrentados pelas mulheres negras, brancas, lésbicas, bissexuais, transexuais, gordas, magras, prostitutas, trabalhadoras rurais, domésticas, mães, etc. (MAMU, 2018)

Vê-se na descrição como a causa feminista de luta contra a violência é gradativamente estendida para outras causas, como o racismo, transfobia, homofobia, lébofobia e gordofobia. Chama atenção também a crítica ao capitalismo e a menção da reforma agrária e rural. Tal citação pode se caracterizar como uma medida de conexão de enquadramento (frame bridging). “In frame bridging, activists seek support from people thought to hold frames similar to their own.” (BEST, 2008:70)

A violência também aparece em citações referentes à violência obstétrica, como no caso da descrição do Grupo Ventre, de Piracicaba. Em sua descrição, o grupo traz um exemplo de amplificação de enquadramento (frame amplification) em que os ativistas procuram valores ou crenças que chamem outras pessoas em apoio à causa. “Frame amplification often seeks to arouse emotional reactions, such as compassion or outrage, so that people feel compelled to join the movement.” (BEST, 2008:71)

As atividades do Grupo Ventre acontecem na cidade de Piracicaba (SP) e tiveram início em abril de 2014, quando a gestante Adelir Lemos de Goes, moradora de Torres (RS), foi obrigada a se submeter a uma cesárea contra sua vontade, exigida pelo governo. Sua chegada ao hospital foi escoltada por policiais militares, que a ameaçavam de prisão. Tal violência foi prontamente repudiada por diversos grupos ativistas que lutam pelos direitos da mulher e pela maternidade ativa e consciente. No dia 11 daquele mês, milhares de mulheres foram às ruas de várias cidades brasileiras em manifestação contra a violência de Estado cometida no caso. (MAMU, 2018)

A interseccionalidade é ainda maior no caso do tema racial. Esse assunto, aparece isoladamente em 8 iniciativas analisadas, em outras 22, associada à causa LGBT, além das outras 11 associadas a violência. Grupos que trabalham os temas até agora mencionados usam várias das estratégias de alinhamento de frame, estudadas nos movimentos sociais.

Dentre os temas mais recorrentes, existem ainda as iniciativas relacionadas ao ambiente acadêmico. Nesse caso, essa codificação já aparece de maneira mais diversa, pois engloba desde grupos de estudantes para atividades feministas até grupos de pesquisa feminista. Ocupa o terceiro lugar entre as mais frequentes, presente em 39 iniciativas

analisadas. Dessas, em 19 figura sozinho, sem intersecção com outros temas, como no caso do Coletivo Feminista LivraElas:

O coletivo Feminista LivraElas é um grupo de Pesquisa e Extensão da UNIPAMPA, campus Santana do Livramento que tem por objetivo promover estudos, debates e atividades culturais relativas às questões de gênero para produzir enfrentamento, acolhimento, sororidade, tecer encontros e pensar ações que potencializem a união entre as mulheres na busca por igualdade e por uma sociedade mais justa. (MAMU, 2018)

Aqui já pode-se notar uma diferença em relação aos exemplos fornecidos anteriormente. Embora haja uma menção para a produção de um enfrentamento, como mencionado no exemplo, não há uma definição de diagnóstico em relação ao problema que se está trabalhando. Isso dificulta a análise de enquadramento, uma vez que não contempla os componentes enquadramentos, de acordo com Best (2008). Segundo o autor, os enquadramentos possuem três componentes: diagnósticos, que identificam a natureza do problema; o motivacional, que explica por que algo precisa ser feito; e o do prognóstico, que especifica o que precisa ser feito. A inclusão dessas iniciativas dentro do conceito de organizações de movimentos sociais, portanto, requereria uma análise mais profunda de outros materiais e atividades do grupo.

Por não se tratar de uma categoria específica, o tema Acadêmico é um dos que traz mais entrelaçamentos com outros temas. Há 7 ocorrências de entrelaçamento com relação a violência contra a mulher e outros 7 com a questão racial. Uma das descrições com temas mais temas inter-relacionados também inclui o Acadêmico e outros 6 assuntos: Direitos Humanos, Direitos Reprodutivos, LGBT, Poder Público, Violência, Saúde. Trata-se do Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

A Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, voltada para a pesquisa social, assessoramento, advocacy e litígio estratégico aplicado ao campo dos direitos humanos, bioética e gênero na América Latina. Sua missão é promover direitos humanos desde uma perspectiva feminista sobre justiça social, por meio de pesquisas, advocacy e monitoramento de políticas públicas. A Anis foi fundada em 1999 por um grupo de pesquisadoras feministas, em Brasília. A ideia era realizar pesquisa acadêmica com uma matriz de gênero e direitos humanos com o objetivo de disponibilizar informação e dados confiáveis para a intervenção social. (MAMU, 2018)

Com 17 anos de atuação e uma cartela de boas conquistas na trajetória, a Anis é uma organização feminista, não-governamental e sem fins lucrativos, reconhecida pela pesquisa social, incidência política, litígio estratégico e projetos de comunicação sobre violações e defesa de direitos, em campos como direitos sexuais, direitos reprodutivos, deficiências, saúde mental, violências e sistemas penal e socioeducativo. (ANIS, 2018)

Nesse caso a descrição do movimento deixa claro que a organização enxerga violações em direitos sexuais, reprodutivos, e temas relacionados à saúde relacionados à mulher. A

gênese do movimento, atribuída a um grupo de pesquisadoras feministas também chama a atenção por ser um elemento comum a outras iniciativas acadêmicas. Isso indica que o ambiente acadêmico pode se configurar como uma estrutura de oportunidade política para o surgimento de organizações de movimentos sociais. “When political channels are quite open, activists choose to avoid risks of being jailed, injured, or losing time at work while also calculating a good probability of success by exercising political influence”. (JOHNSTON, 2014:52)

Isso também ocorre no caso da Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. No caso, as pesquisadoras são citadas como membros ativos da organização, que tem uma abrangência nacional e é uma das mais amplas de toda a amostra. Nota-se neste exemplo, outra importante característica das organizações dos movimentos sociais proposta por Johnston (2014), a estrutura de organização em rede.

A Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos é uma articulação política nacional do movimento de mulheres, feminista e antirracismo, fundada em 1991. Tem abrangência nacional, estando composta por 12 Regionais organizadas no Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Goiás, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Distrito Federal. A coordenação da Rede é realizada por um Conselho Diretor e uma Secretaria Executiva, que compõem o Colegiado. A Assembleia Geral é a instância maior de decisão.

É integrada por organizações não-governamentais, grupos feministas, pesquisadoras e grupos acadêmicos de pesquisa, conselhos e fóruns de direitos das mulheres, além de ativistas do movimento de mulheres e feministas, profissionais da saúde e outras que atuam no campo da saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos. (MAMU, 2018)

Essa descrição mostra a complexidade estrutural das organizações analisadas. Outro exemplo do universo acadêmico, o Coletivo Anália Franco da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), mostra como o ambiente acadêmico pode se constituir como uma estrutura de oportunidade política para a organização em torno de uma causa, mesmo no caso de ambientes predominantemente masculinos.

Essa situação de uma estrutura acadêmica de acesso à informação e de um ambiente predominantemente masculino condiz com estudos da estrutura de oportunidade política, que falam que ambientes com tais ambiguidades podem promover a oportunidade de atuação para um movimento social. “Mixed and inconsistent accessibility increases it. The social psychology behind these relationships is not anger, frustration, or aggression, but rather the cool calculation of interests and opportunities.” (JOHNSTON, 2014: 51-52) O coletivo Anália Franco aborda ainda temas como feminismo negro, mulheres na cultura nerd, em mais um exemplo de extensão de enquadramento para angariar mais apoiadores dentro do seu universo de atuação.

O Coletivo Anália Franco foi criado pela iniciativa de alunxs da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) há dois anos. Realizando reuniões quinzenais o coletivo aborda diversos temas como feminismo negro, mulheres na cultura nerd (quadrinhos e games), poliamor e relações livres, representação da mulher na mídia, etc. Por ser um coletivo dentro de uma universidade referência em engenharia, sofremos os mais diversos tipos de ataques machistas e misóginos, porém, todos os episódios ocorridos até hoje só fomentaram o debate e trouxeram mais visibilidade para o coletivo. (MAMU, 2018)

Um aspecto importante na descrição do coletivo, que também permeia as definições sobre movimentos sociais é a recorrência. A descrição menciona a realização de reuniões quinzenais, o que denota a continuidade ao longo do tempo. Tal característica é fundamental para os movimentos sociais. “These ties are also the skeletal structure of a movement's unity and continuity. Groups can dissolve and organizations can be torn by schisms, but the general movement is characterized by temporal persistence beyond the fate of just one group.” (JOHNSTON, 2014:4)

A temática de Saúde está presente em 36 das iniciativas analisadas, sendo que em 12 delas está entrelaçada com o tema da maternidade, notadamente em torno do parto humanizado, como no caso do Grupo Vínculo.

Grupo de apoio que oferece há 3 anos encontros destinados a gestantes, casais e famílias. Somos uma equipe multiprofissional que tem por objetivo orientar, acolher e informar mulheres e casais que queiram engravidar, que já estejam esperando seu bebê ou que já sejam pais. Nossos encontros são gratuitos e as informações prestadas são sempre baseadas em evidências científicas atuais e nas recomendações da Organização Mundial da Saúde. Apoiamos o parto humanizado, a criação com apego, a amamentação exclusiva e o protagonismo feminino. (MAMU, 2018)

Iniciativas voltadas ao parto natural e aleitamento materno, com cursos pré e pós-natal são também o foco dessas iniciativas que trabalham a saúde em conjunto com o tema da maternidade. Ao todo o tema maternidade engloba a atuação de 35 iniciativas. A maternidade também aparece a outro código que merece atenção, o Místico. Este tema conta com organizações cuja retórica se distancia da dos movimentos sociais, uma vez que carece do elemento ideológico, do enquadramento diagnóstico, apelo motivacional, e prognóstico. Em 17 vezes o tema aparece sozinho e em outras 7 envolvido de alguma forma com o tema da maternidade, como no caso do grupo de retiro Casa Hetaria:

A Casa Hetaria, situada em Joanópolis, SP, é um espaço dedicado à mulher, onde por meio do contato com a natureza, através de estadias individuais e retiros em grupo, guiamos processos para o despertar feminino e autoconhecimento. Retiros e estadias focadas na sexualidade sagrada, na reconexão com o feminino e na gestação. (Mamu 177).

A codificação Comunidade foi aplicada para tratar grupos que em sua descrição enfatizaram o caráter de trabalho na comunidade, ou região em que atuam. Foram encontradas 35 iniciativas como essa, sendo 5 com caráter estritamente comunitário ou periférico.

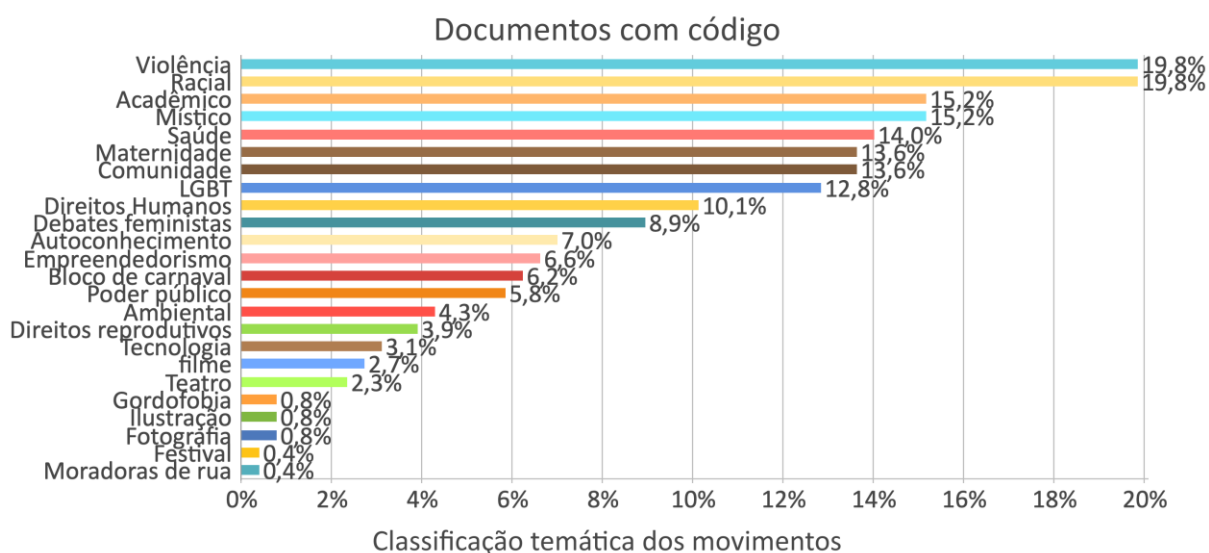
Exemplo desse tipo de descrição pode ser visto no grupo Mulheres na Luta, do distrito do Grajaú, no extremo Sul da cidade de São Paulo.

Somos um coletivo formado por oito mulheres com idade entre 17 e 31 anos na periferia no extremo sul da cidade de São Paulo. Temos realizado rodas de conversa com meninas adolescentes sobre feminismo, além de projeto de educação não-sexista em quatro escolas do Grajaú. Realizamos mensalmente grupos de estudos sobre feminismo periférico e um sarau feminista chamado Sarau das Mina. (MAMU, 2018)

O tema LGBT é o tema mais transversal dentre os principais temas encontrados nos grupos, com 33 ocorrências. Não aparece isoladamente em nenhum contexto, e está mais comumente associado ao tema racial, como é o caso em 22 ocorrências, seguido pela questão da violência, com 7 ocorrências.

No Gráfico 1 estão os temas mais recorrentes.

Gráfico 1: Codificação por tema



Também foram encontradas iniciativas que também realizam processos de reivindicação, mas que justamente por estarem ligadas a canais institucionais, como prefeituras, caso da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres, de São Paulo. Isso indica o que Abers & Büllow (2011) indicam quando falam de uma maior participação de movimentos sociais a partir do estado. Essa visão confronta a perspectiva dos que estudam os movimentos sociais sob a ótica da dinâmica de conflito ou Dynamics of Contention, DOC na sigla em inglês.

Os movimentos sociais têm lutado tanto para transformar comportamentos sociais como para influenciar políticas públicas. Como parte desses esforços, muitas vezes se mobilizam em prol de mudanças nos processos de tomada de decisão estatal, demandando a inclusão da sociedade civil em novos espaços participativos. Essa

demanda implica não somente na criação de espaços de diálogo entre atores da sociedade civil e do governo, mas da maior presença de ativistas de movimentos sociais dentro do próprio Estado. (ABERS & BÜLLOW, 2011:65)

Não estranha, portanto, a presença dessas instituições dentre os registros do MAMU, nem tampouco a retórica que utilizam, muito próxima à dos atores não-institucionalizados. A Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Paulo, por exemplo, fala que seu objetivo é “contribuir para a superação das desigualdades históricas e sociais”.

Repertório

Parte das atividades mais comuns nos movimentos sociais são as atividades de protesto, como marchas, demonstrações, reuniões, ocupações, greves e manifestações. São o que Johnston (2014) chama de repertório forte, construindo em cima do conceito de repertório de Charles Tilly. Tais táticas se combinam hoje em dia com uma rede de contatos e comunicação, que permite ações mais modernas, que Johnston (2014:) chama de redes de performance. O conceito de performance é aplicado pois inclui ações menores, não planejadas, que moldam-se de acordo com a resposta da própria audiência, atuando em rede.

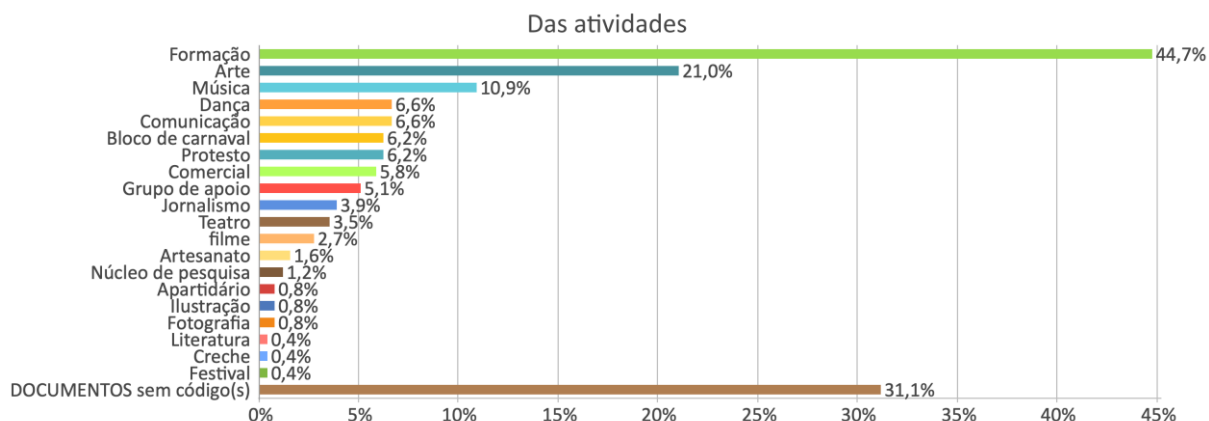
To put it another way, not only is a social movement made up of a network of relatively fixed relations among SMOs, groups, and individuals, but also it is a dense network of performances, macro and micro, through which both the structural sphere and the ideational–interpretative sphere are acted out real time. (JOHNSTON, 2014:23)

Além das demonstrações, os movimentos também necessitam de ações que formem e atraiam apoiadores para a causa. Nesse sentido, atividades de educação são de grande importância. Steinklammer (2014), em seu trabalho sobre a resistência dos professores de jardim de infância da Áustria, ressalta como a educação possui um caráter emancipador para os movimentos sociais, pois ao mesmo tempo em que forma os ativistas traz para a consciência aspectos inconscientes que em muitos casos justificam a existência do movimento.

Esse aprendizado pode ocorrer tanto formalmente, por meio de conceitos estruturados quanto informalmente. No caso estudado Steinklammer (2014) enfatiza como foram importantes as atividades práticas, associadas outras atividades de resistência, na mobilização dos educadores. “These practical experiences are a necessary (also bodily and sensual) precondition for being able to locate oneself in the ensemble of social conditions and for developing something like class consciousness.” (STEINKLAMMER, 2014: 36)

Dentro do repertório das iniciativas cadastradas, as atividades ligadas à educação, como cursos, debates, palestras predominam entre as iniciativas cadastradas. Ao todo, 115 dos 257 registros do MAMU possuem em sua descrição alguma atividade ligada à formação.

Gráfico 2: Codificação por atividade



A arte, ora como elemento educativo, ora performático, está presente em 55 grupos. Em 31 iniciativas, há o entrelaçamento entre atividades de arte e formação, como no caso do coletivo Mulheres da Pedra:

Mulheres de Pedra é um coletivo que objetiva valorizar o protagonismo da mulher negra na construção de um outro mundo no qual as relações se tecem através da arte, da educação, da economia solidária e da diversidade cultural. (...) Assim, visa potencializar a criatividade e a autonomia das participantes, desenvolvendo o senso crítico, estético, político e social através da produção e comercialização de artigos artesanais, da realização do Sarau Pedra Pura Poesia, do Tradicional Nhoc da Felicidade, de oficinas e formações diversas e de eventos como o Mulheres de Março, o Dia da Mulher Negra e a Festa da Primavera. (MAMU, 2018)

Vê-se que há o entendimento de que as atividades artísticas contribuem para a formação e para desenvolver a autonomia dos participantes. Por vezes também se fala de intervenções artísticas, que pode ser entendida como uma forma de protesto, de repertório de movimentos sociais.

Dentre as iniciativas performáticas, destacam-se os blocos de carnaval. São ao todo 16 iniciativas desse tipo, todas com pautas focadas nos direitos das mulheres, geralmente com uma abordagem que lança mão do humor na nomenclatura, como o “Bloco das Mulheres Rodadas”, que “reuniu cerca de três mil foliões para fazer piada do machismo nas ruas do Rio de Janeiro, onde desenvolvemos ações e eventos ligados a temáticas feministas.”(MAMU, 2018), “Bloco das Perseguidas”, ou o bloco “Comuna que Pariu”.

O protesto é o foco de atividade de 16 iniciativas. Fica clara a importância de dois protestos em especial para a formação desses grupos: A Marcha Mundial das Mulheres, de

Juiz de Fora (MG) e a Marcha das Vadias (em suas várias edições regionais). Essas atividades também evidenciam a organização em rede dos movimentos sociais (JOHNSTON, 2014). “A Marcha das Vadias de São Paulo, assim como a Marchas das Vadias no mundo, marcha para que a sociedade entenda que as mulheres não são responsáveis pela violência que sofrem. A sobrevivente NUNCA é culpada. Culpado é o agressor.” (MAMU, 2018)

O protesto pode ser também o meio pelo qual um grupo ingressa nessas redes de performances, como no caso do Coletivo Maria Maria, formado por mulheres do movimento estudantil da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que em 2007 se tornou um núcleo da Marcha Mundial das Mulheres. Em outras ocasiões, os protestos constituem a gênese de alguns grupos. O Coletivo de Mulheres de Aracaju, por exemplo, informa que foi criado após a Marcha das Vadias, que ocorreu em 1º de Junho de 2012 na cidade, ou o Coletivo Feminista Cláudia da Silva, cuja origem também está conectada à organização da II Marcha das Vadias na cidade de Guarapuava, no Paraná.

Por se tratar de um coletivo recém-formado e independente financeiramente, o grupo vende bolsas ecológicas para arrecadar verba para pode realizar atividades, como campanhas de conscientização na Rua XV de Novembro, que ocorrem a cada dois meses. Além de promover palestras nos colégios de Guarapuava sobre a importância do combate à toda opressão e preconceito, o coletivo também oferece um espaço de discussão nas reuniões, portanto venha se informar, venha lutar. (MAMU, 2018)

Cabe notar na descrição desse grupo também a preocupação da iniciativa de classificar como independente e trabalhar a necessidade de mobilização de recursos, outra corrente de análise dos movimentos sociais (JOHNSTON, 2014). Ao todo, 15 iniciativas possuem atividades comerciais. O Bloco Ilu Obá de Mim, por exemplo, enfatiza o papel dos patrocinadores no angariamento de recursos. “No carnaval de 2017 tivemos como patrocinador Skoll (*sic*), além do apoio do Sindicato dos Comerciantes e, para realização, contamos com o apoio da Prefeitura de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura.” (MAMU, 2018)

Na maioria dos casos, as atividades comercial descrevem grupos mais institucionalizados, distante do conceito de organizações de movimentos sociais. Exemplo desse tipo de atividade são a Boutique da Krioula, loja virtual com temas afro-brasileiros, o Grupo Dança e Feminilidade, ligado a um estúdio que oferece serviços e terapias alternativas, ou clínicas de amamentação e cursos pré e pós-parto, como a Clínica Curumim.

Dentro da arte, a música é um destaque, uma vez que tem conexão com as iniciativas de blocos de carnaval, seguido pela dança ocupando um papel preponderante dentro dos grupos que trabalham a temática mística, como o Círculo de Mulheres Todo Ser, que trabalha

o tema da sacralidade feminina. “Compartilhamos em grupo práticas integrativas como: meditação, visualização criativa, arte, dança, música, mantras, contos, poesia, vídeos, massagem, benção do útero, dentre outros recursos que nos auxiliam nessa jornada ao encontro de nós mesmas.” (MAMU, 2018).

A comunicação é uma atividade descrita por 17 grupos do mapa. As estratégias variam entre ataque, uso de mídias alternativas e adaptação, seguindo os conceitos Rutch (2013) trabalha a respeito do uso da mídia pelos movimentos sociais. A comunicação é reconhecida como instrumento importante para dar visibilidade à causa. No caso do Geledés Instituto da Mulher Negra, a comunicação é trabalhada em conjunto com a formação. “O Programa de Comunicação de Geledés compreende o tema como uma questão vital para os movimentos sociais em geral e para as mulheres negras em particular, pois além de instrumento de visibilidade, a Comunicação é tratada como umnexo de empoderamento.” (MAMU, 2018)

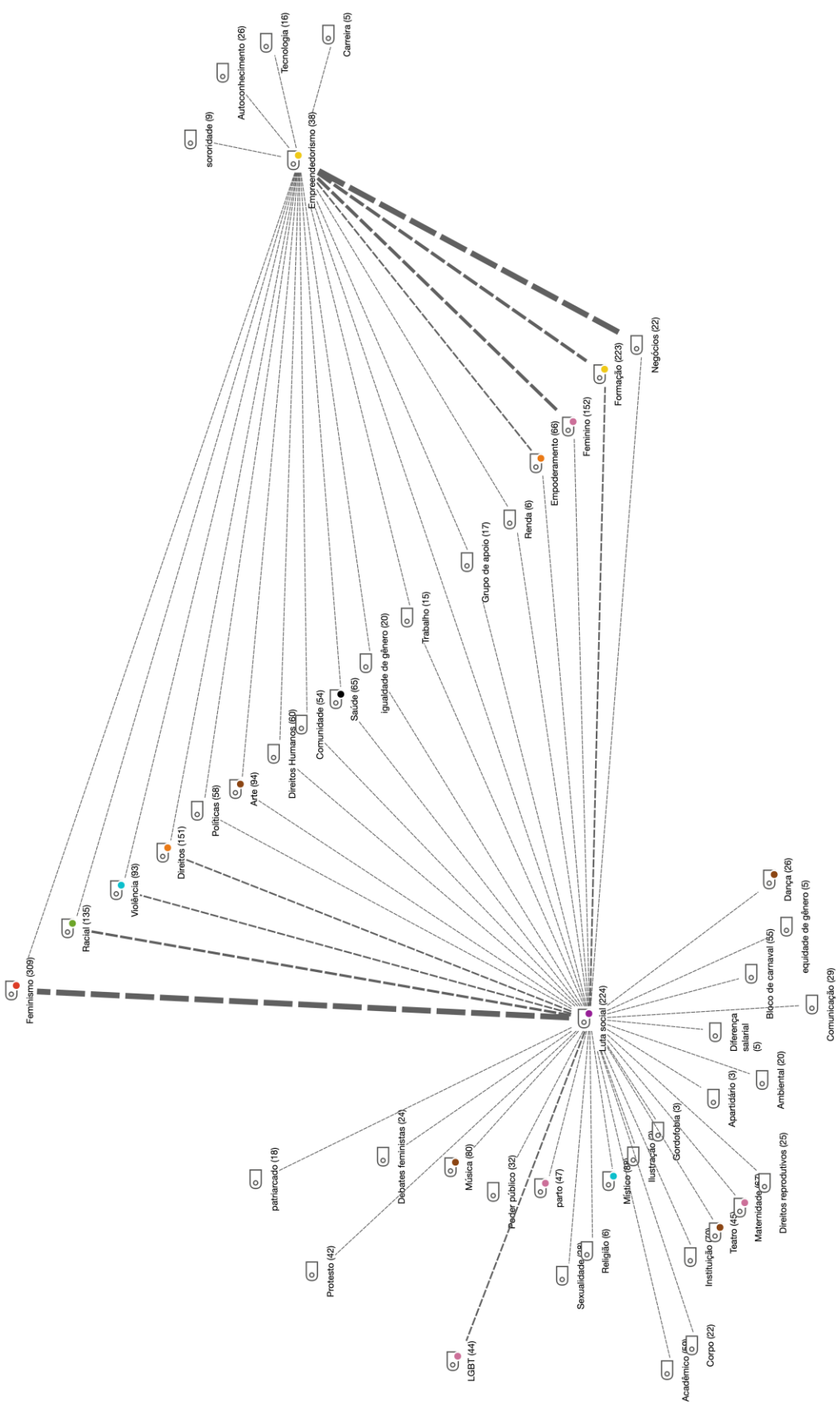
Fala-se ainda em oficinas de mídia alternativa e inclusão digital no caso da Marcha das Vadias de Campinas (MAMU, 2018). Há também o caso de iniciativas especificamente criadas com a pauta da comunicação, como o Think Olga. “A Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. O projeto é um hub de conteúdo que aborda temas importantes para o público feminino de forma acessível.” (MAMU, 2018)

Estes exemplos concentram-se dentro do que RUTCH (2013) classifica como o desenvolvimento de mídias alternativas, facilitado pela internet e novos meios. Outro exemplo é o Mariasmarias, projeto que visa a divulgação de informações para o combate à desigualdade de gênero. “A iniciativa se concretizou no site www.mariasmarias.com, buscando produzir materiais, como videos, cartilhas, etc.” (MAMU, 2018)

Já a Agência Patrícia Galvão (Mamu 213) se caracteriza como uma estratégia de adaptação, pois visa a abastecer jornalistas tornando-se um hub de conteúdo. Coloca-se como uma iniciativa que visa a dar “mais amplitude à cobertura jornalísticas sobre os direitos das mulheres” (MAMU, 2018).

Enquadramento máster

Figura 1: Mapa dos códigos: Luta Social x Empreendedorismo



Algumas vezes, enquadramento dado a temas pelos movimentos sociais segue um enquadramento mais amplo, chamado de enquadramento máster (master frame), que são os valores e crenças compartilhados pelo público em geral que influenciam como as ações coletivas são formadas (JOHNSTON, 2014). O autor dá como exemplo os movimentos pró-aborto nos EUA, que enquadraram o tema do direito pelo aborto, dentro de um enquadramento máster de ‘direitos do cidadão’, que estava em voga com a ascensão dos movimentos de direitos civis e direitos da mulher. (JOHNSTON, 2014:65-66)

A Figura 1 mostra uma lógica do enquadramento máster do que foi codificado no trabalho como luta social. O termo foi escolhido a partir de conceitos que enfatizavam a opressão vivida por um grupo, ou o caráter de luta contra a ordem estabelecida do movimento. No caso do grupo Odara – Instituto da Mulher Negra, essa codificação aparece na forma de um discurso de luta por autonomia política e inclusão, que denota um diagnóstico de exclusão e preconceito na sociedade.

Somos uma organização negra feminista que visa superar em nível pessoal e coletivo a discriminação e o preconceito, bem como buscar alternativas que proporcionem a autonomia e inclusão sociopolítica das mulheres negras na sociedade. O Instituto surgiu a partir das especificidades do ser mulher e negra numa sociedade estruturada pelo racismo, sexismo e outras formas de opressão. (MAMU, 2018)

Pode-se dizer que o grupo traz aqui um enquadramento máster mais voltado à crítica capitalista, que também uma maior ligação do tema com temas como o feminismo, atividades de protesto, a questão racial e a luta contra a violência, nos códigos observados no corpus.

Um enquadramento máster que se contrapõe a esse é o dos grupos que trabalham o empreendedorismo, como a iniciativa Jogo de Damas. O grupo possui uma vertente mais liberal. Não fala de luta, mas fala de inspiração para mulheres. A iniciativa, no caso, não usa a palavra feminista ou feminismo em sua definição. Há um foco no trabalho para a carreira e negócios, que se insere num contexto mais favorável ao capitalismo:

O Jogo de Damas é uma plataforma de conteúdo e inspiração para mulheres, com foco na vida profissional, empreendedorismo e negócios. Além do site e redes sociais, promovemos eventos pelo Brasil sempre trazendo mulheres para compartilharem sua experiência, seus cases de negócios e conhecimento. Já fizemos eventos em 7 estados brasileiros e temos atuação também internacional. O Jogo de Damas é o primeiro parceiro brasileiro do Lean In (ONG de Sheryl Sandberg, que promove o desenvolvimento profissional feminino). Além disso, Deb Xavier, idealizadora do Jogo de Damas é embaixadora da ONU para o Dia Global do Empreendedorismo Feminino. (MAMU, 2018)

Há apenas 2 casos de movimentos que entrecruzam empreendedorismo com luta social. Um deles é o instituto consulado da Mulher (Manaus). “Ação social da Consul que assessora mulheres em situação de vulnerabilidade social para que, com sua atividade

empreendedora, possam gerar renda e melhorar sua qualidade de vida” (MAMU, 2018). O outro é o Via Mulher Bahia, Associação composta por mulheres (negras, indígenas e brancas), que tem por finalidade o “debate pelo viés da economia solidária feminista e do empoderamento de mulheres.” (MAMU, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que dentre uma amostra tão diversa de iniciativas, projetos, coletivos e organizações, nem todos os registros do MAMU correspondem a organizações de movimentos sociais. Embora muitos dos registros possuam elementos que poderiam categorizá-los como esse tipo de organizações, apenas aqueles que se encaixam no enquadramento máster de luta social parecem conter os elementos necessários para serem considerados conectados a movimentos sociais.

Na retórica dos movimentos que adotam a luta social como enquadramento máster a ideia de “equidade de gênero” é por vezes empregada, como se pode observar no mapa de conceitos. Tal conceito está mais ligado à necessidade de promover ações afirmativas que promovam a igualdade de condições, como cotas de participação de mulheres. Já a ideia de “igualdade de gêneros” divide-se entre os grupos das diferentes vertentes. No caso, ideia de busca de igualdade de gêneros traz consigo um outro diagnóstico, de uma necessidade formal de igualdade de condições.

A retórica da luta social traz também o apartidarismo como aspecto importante para alguns movimentos. Apartidarismo, que é uma característica histórica de alguns movimentos sociais brasileiros desde a redemocratização (MISCHE, 2008). Grupos que adotaram esse enquadramento mestre também foram os que mais se conectaram atividades próprias dos movimentos sociais, como o protesto.

Não à toa, as iniciativas que se consideram feministas agregam quase sempre essa retórica de luta social. O termo feminista ocorre em 41,2% dos (106) das 257 iniciativas analisadas. Já a codificação luta social está presente em 29,18% (75) do total. Na maioria das vezes (63 iniciativas) os termos luta social e feminismo aparecem juntos.

Como contribuições para futuros temas de estudo, percebeu-se que os blocos de carnaval funcionam como um misto de protesto e demonstração popular. Estudos futuros que trabalhem os blocos de carnaval como um repertório de movimentos sociais, podem trazer uma contribuição importante para o campo. Uma hipótese que pode ser trabalhada é que o

ambiente mais ambíguo do carnaval se configure como uma estrutura de oportunidade política para o protesto.

Outro ponto que pode ser desenvolvido é como o conceito de “empoderamento” está presente em movimentos dos mais variados espectros. Estudos futuros podem indicar se se trata de um conceito que unifica esses vários atores ou de uma apropriação por parte das organizações como meio de legitimação perante os movimentos sociais.

BIBLIOGRAFIA

ABERS, Rebecca; VON BÜLOW, Marisa. **Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade?**. Sociologias, v. 13, n. 28, 2011.

ANIS – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. Disponível em: www.anis.org.br, acesso em 20/12/2018.

BEST, Joel. **Social problems**. J. Best.—WW Norton & Company, Inc.—2008.—369 p, v. 1, 2008.

JOHNSTON, Hank. **What is a Social Movement?** Polity Press, Londres, 2014.

LINDEKILDE, Lasse. **Discourse and frame analysis: in-depth analysis of qualitative data in social movement research**. In: Methodological practices in social movement research. Oxford University Press, 2014. p. 195-227.

MAMU, Mapa de Coletivos de Mulheres (MAMU). Disponível em: <http://www.mamu.net.br/>, acesso em 12/12/2018.

STEINKLAMMER, Elisabeth. **Learning to resist**. In: Learning and Education for a Better World. SensePublishers, Rotterdam, 2012. p. 23-39.

RUCHT, Dieter. **Protest movements and their media usages**. Mediation and protest movements, p. 249-268, 2013.

MISCHE, Ann. **Partisan publics: communication and contention across Brazilian youth activist networks**. Princeton University Press, 2008.